

Donald Ray Pollock

Sempre o Diabo

Tradução de Maria do Carmo Figueira



QUETZAL serpente emplumada

Mais uma vez
para a
PATSY

Prólogo

NUMA MANHÃ TRISTE no final de um outubro chuvoso, Arvin Eugene Russell seguia apressadamente o pai, Willard, pela beira de uma pastagem no cimo de um longo vale rochoso no Sul do Ohio, chamado Knockemstiff. Willard era alto e muito magro, e Arvin tinha dificuldade em acompanhar o passo dele. O campo estava cheio de ervas altas, sarças e cardos, e coberto por uma neblina tão carregada como as nuvens cinzentas que cobriam o céu e que dava quase pelos joelhos do rapaz de nove anos. Alguns minutos depois, voltaram para a floresta e desceram um trilho estreito feito pelos veados até chegarem a uma pequena clareira onde havia um tronco caído, os restos de um enorme carvalho tombado há muitos anos. Uma cruz velha, feita de tábuas arrancadas das traseiras do celeiro decrépito que havia por detrás da sua casa, estava espetada no chão húmido a alguns metros deles, ligeiramente inclinada para leste.

Willard baixou-se junto ao lado mais alto do tronco e fez sinal ao filho para que se ajoelhasse sobre as folhas mortas e ensopadas. Só quando não tinha as veias cheias de uísque é que Willard não ia de manhã e à noite à clareira para falar com Deus. Arvin não sabia o que era pior, se a bebida, se as rezas. Até onde a sua memória conseguia recuar, tinha a sensação de que o pai andara sempre a lutar com o Diabo. Arvin arrepiou-se ao sentir o chão molhado e aconchegou mais o casaco. Quem

lhe dera estar ainda deitado. Até a escola, com tudo o que de mau lá havia, era melhor do que aquilo, mas era domingo, e não havia maneira de escapar.

Por entre as árvores quase todas sem folhas para lá da cruz, Arvin via pequenos laivos de fumo a saírem de umas quantas chaminés a uns oitocentos metros de distância. Em 1957, viviam em Knockemstiff quatrocentas e tal pessoas, quase todas ligadas por sangue por uma ou outra desgraçada calamidade, quer fosse puro desejo ou necessidade ou simples ignorância. Na povoação havia, para além das barracas de papel betumado e das casas de blocos de cimento, duas lojas que vendiam de tudo, uma Igreja de Cristo na União Cristã e uma espelunca conhecida em todo o lado como o Bull Pen. Apesar de os Russell já terem alugado a casa no ponto mais alto dos Apartamentos Mitchell há cinco anos, a maior parte dos vizinhos dos andares debaixo continuava a considerá-los intrusos. Arvin era a única criança do autocarro da escola que não era da família de nenhuma das outras. Há três dias, tinha chegado outra vez a casa com um olho negro. «Não acho bem que se bata só por bater, mas às vezes tu também és muito mole», dissera-lhe Willard nessa noite. «Os rapazes podem ser maiores do que tu mas, da próxima vez que algum deles começar com merdas, quero que o ponhas na ordem.» Willard estava no alpendre a tirar a roupa do trabalho. Passou a Arvin as calças castanhas, tesas com o sangue seco e a gordura. Trabalhava num mata-douro, em Greenfield, e naquele dia tinham sido abatidos mil e seiscentos porcos, um novo recorde para a R. J. Carroll Meatpacking. O rapaz ainda não sabia o que queria ser quando fosse grande, mas tinha a certeza de que não queria ganhar a vida a matar porcos.

Tinham começado a rezar, quando ouviram o som de um ramo a partir-se atrás deles. Quando Arvin se voltou, Willard estendeu o braço e impediu-o de o fazer, mas o rapaz ainda conseguiu ver de relance dois caçadores por entre a luz pálida,

dois homens sujos e andrajosos que ele já tinha visto algumas vezes refastelados no banco da frente de um carrão velho e ferrugento, no parque de estacionamento da loja de Maude Speakman. Um deles trazia um saco de serapilheira castanha com uma mancha vermelha na parte de baixo. «Ignora-os», disse Willard, em voz baixa. «Aqui é a hora do Senhor e de mais ninguém.»

Arvin estava a ficar nervoso por saber que os homens estavam perto dele, mas tornou a concentrar-se e fechou os olhos. Willard considerava aquele tronco tão sagrado como qualquer igreja feita pelo homem, e a última pessoa no mundo que o rapaz queria magoar era o pai, embora às vezes parecesse uma batalha perdida. O silêncio voltou a reinar na floresta, interrompido apenas pela humidade que escorria das folhas e por um esquilo a correr numa árvore ali perto. Quando Arvin pensava que os homens se tinham ido embora, um deles disse numa voz rouca:

— Cos diabos, parece que estão num culto.

— Cala-te — ouviu Arvin o outro homem dizer.

— Porra! Lembrei-me de que agora é que era uma altura boa para ir fazer uma visita à gaja dele. Ainda deve estar na cama, a aquecê-la para mim.

— Cala a boca, Lucas — disse o outro.

— O que foi? Não me digas que não a comias. É boa como o milho, caraças.

Arvin olhou de relance para o pai, preocupado. Willard continuava de olhos fechados, com as mãos grandes entrelaçadas por cima do tronco. Os seus lábios moviam-se rapidamente, mas as palavras que dizia eram inaudíveis para qualquer pessoa a não ser para o Senhor. O rapaz lembrou-se do que Willard lhe tinha dito naquele dia, sobre não se ficar quando o provocassem. Era evidente que tinha dito aquilo por dizer. Sentiu que a longa viagem no autocarro da escola não ia passar a ser melhor.

— Anda embora, meu estúpido de merda — insistiu o ouro homem —, isto está a ficar feio. — Arvin ouviu-os voltar pelo caminho por onde tinham vindo. Muito depois de deixar de ouvir os seus passos, ainda escutava as gargalhadas do provocador.

Passados alguns minutos, Willard levantou-se e ficou à espera que o filho acabasse as suas orações. Depois regressaram a casa em silêncio, tiraram a lama dos sapatos nas escadas do alpendre e entraram na cozinha acolhedora. A mãe de Arvin, Charlotte, estava a fritar fatias de bacon numa frigideira de ferro e a bater ovos com um garfo numa tigela azul. Serviu uma caneca de café a Willard e pôs um copo de leite à frente de Arvin. O seu cabelo preto e brilhante estava preso num rabo de cavalo com um elástico e tinha um vestido rosa-pálido e umas peúgas já no fio, uma delas com um buraco no calcanhar. Ao vê-la andar de um lado para o outro na cozinha, Arvin tentou imaginar o que poderia ter acontecido se os dois caçadores tivessem ido lá a casa em vez de terem seguido por onde tinham vindo. A sua mãe era a mulher mais bela que Arvin alguma vez vira. Pensou se ela os teria convidado a entrar.

Assim que acabou de comer, Willard empurrou a cadeira para trás e saiu com uma expressão sombria. Não tinha dito uma palavra desde que acabara de rezar. Charlotte levantou-se da mesa com o café e foi até à janela. Viu-o atravessar o pátio com o seu andar pesado e entrar no celeiro. Pensou que era possível que ele tivesse uma garrafa lá escondida. Há várias semanas que não tocava na que estava debaixo do lava-loiça. Voltou-se e olhou para Arvin.

— O teu pai zangou-se contigo por alguma coisa?

— Não fiz nada — respondeu Arvin, abanando a cabeça.

— Não foi isso que eu te perguntei — disse Charlotte, encostada à banca. — Sabes tão bem quanto eu como é que ele fica quando está com os azeites.

Por um momento, Arvin pensou contar à mãe o que tinha acontecido quando estavam a rezar ao pé do tronco, mas sentiu-se demasiado envergonhado. Ficava doente só de pensar

que o pai tinha ouvido um homem falar dela daquela maneira e limitara-se a ignorá-lo.

— Estivemos no nosso culto, só isso — disse Arvin.

— Culto? Onde é que foste buscar essa ideia?

— Não sei. Ouvi a palavra algures. — Depois levantou-se e foi pelo corredor até ao seu quarto. Fechou a porta e deitou-se na cama, tapando-se com a manta. Voltou-se de lado e olhou fixamente para a moldura com a imagem de Jesus crucificado que Willard tinha pendurado por cima da cómoda velha e riscada. Havia imagens parecidas da morte do Salvador por toda a casa, à exceção da cozinha. Charlotte impusera aí um limite, tal como fizera quando Willard começara a falar de levar Arvin para a floresta para rezar. «Só aos fins de semana, Willard», dissera-lhe Charlotte. Na sua opinião, a religião em excesso podia fazer tão mal como religião a menos ou até pior, mas moderação era coisa que o marido não tinha.

Mais ou menos uma hora depois, Arvin acordou com a voz do pai na cozinha. Saltou da cama e alisou a manta e depois foi até junto da porta e encostou lá o ouvido. Willard perguntou a Charlotte se precisava de alguma coisa da loja. «Tenho de ir meter gasolina na carrinha», disse-lhe. Quando Arvin ouviu os passos do pai no corredor, saiu rapidamente de junto da porta e atravessou o quarto, ficando de pé perto da janela a fingir que estava a observar a ponta de uma flecha em que pegou de entre a pequena coleção de tesouros que tinha no parapeito. A porta abriu-se.

— Vamos dar uma volta — disse Willard. — Não faz sentido passares o dia todo aqui sentado, como se fosses um gato.

Quando iam a sair pela porta da frente, Charlotte gritou da cozinha:

— Não se esqueçam do açúcar.

Entraram na carrinha e, depois de percorrerem a vereda enlameada que ia dar à sua casa, voltaram para a estrada de Baum Hill. Chegados ao sinal de STOP, Willard virou à esquerda para a estrada alcatroada que servia de atalho pelo meio de

Knockemstiff. Apesar de a viagem até à loja de Maude nunca demorar mais do que cinco minutos, Arvin tinha sempre a sensação de que estava a entrar noutra país quando saía dos Apartamentos Mitchell. Junto aos Apartamentos Patterson, um grupo de rapazes, alguns mais novos do que ele, estava à porta de uma garagem arruinada, passando cigarros entre si e esmurranando à vez a carcaça estripada de um veado pendurada numa viga. Um dos rapazes gritou e deu uns socos no ar gelado quando eles iam a passar de carro, e Arvin encolheu-se no assento. À frente da casa de Janey Wagner, estava um bebé muito rosadinho a gatinhar debaixo de um ulmeiro. Janey estava no alpendre meio descaído a apontar para o bebé e a gritar por uma janela partida e tapada com um cartão para alguém que se encontrava dentro de casa. Estava com a mesma roupa que levava todos os dias para a escola, uma saia às pregas vermelha e uma blusa branca já puída. Ela andava só um ano mais adiantada do que Arvin, mas ia sempre sentada na parte detrás do autocarro com os rapazes mais velhos. Tinha ouvido algumas das outras raparigas dizerem que eles a deixavam ir lá atrás, porque ela abria as pernas e os deixava meter-lhe o dedo na racha. Tinha a esperança de, talvez um dia, quando fosse mais velho, perceber exatamente o que aquilo queria dizer.

Em vez de parar na loja, Willard virou repentinamente à direita, para a estrada de gravilha a que chamavam Shady Glen. Acelerou a carrinha e fê-la rodopiar no pátio vazio e lamacento que rodeava o Bull Pen. Estava coberto de caricas, beatas e caixas de cervejas. Um antigo empregado dos caminhos de ferro chamado Snooks Snyder, cheio de verrugas cancerígenas, vivia ali com a irmã, Agatha, uma antiga criada, que passava o dia sentada a uma janela do andar de cima, toda vestida de preto, a fingir que era uma viúva muito triste. Snooks vendia cerveja e vinho na parte da frente da casa e, às pessoas cuja cara lhe fosse ainda que vagamente familiar, vendia coisas mais fortes

pelas traseiras. Para tornar o local mais cómodo para os clientes, havia várias mesas de piquenique montadas debaixo de enormes plátanos ao lado da casa, e ainda um recinto para o jogo da malha e um telheiro que parecia estar sempre prestes a desabar. Os dois homens que Arvin tinha visto na floresta de manhã estavam sentados em cima de uma das mesas a beber cerveja, com as espingardas da caça encostadas a uma árvore atrás deles.

Ainda antes de a carrinha estar completamente parada, Willard abriu a porta e saltou de lá de dentro. Um dos caçadores pôs-se de pé e atirou uma garrafa de cerveja que falhou por pouco o para-brisas e se partiu no chão. Depois o homem deu meia-volta e desatou a correr, com o casaco nojento a esvoaçar, sempre a olhar em redor com um ar de louco e os olhos raídos de sangue para o calmeirão que o perseguia. Willard apanhou-o e atirou-o para a poça dos despejos gordurosos da cozinha à frente do telheiro. Obrigou-o a voltar-se, prendeu-lhe os ombros escanzelados com os joelhos e começou a esmurrar-lhe a cara com os punhos cerrados. O outro caçador pegou numa das espingardas e foi a correr para um *Plymouth* verde, com um saco de papel castanho debaixo do braço. Partiu a toda a velocidade, com os pneus carecas a projetarem a gravilha até passar para lá da igreja.

Ao fim de alguns minutos, Willard parou de bater no homem. Sacudiu as mãos para esquecer a dor e respirou fundo. Depois foi até à mesa onde os homens tinham estado sentados. Pegou na espingarda que estava apoiada na árvore, tirou-lhe os dois cartuchos vermelhos e fê-la girar como uma bastão de baseball contra o plátano até ficar desfeita em mil pedaços. Quando se voltou e começou a andar em direção à carrinha, olhou por cima do ombro e viu Snooks Snyder parado à porta com uma pequena pistola apontada para ele. Deu alguns passos em direção ao alpendre.

— Olha lá, ó velhadas — disse Willard, alto e bom som —, se queres levar uma parte do que ele levou, atreve-te só a pôr um pé cá fora. Enfio-te essa pistola pelo cu acima. — Depois, ficou à espera até Snooks fechar a porta.

Quando entrou na carrinha, Willard tirou um trapo debaixo do assento e limpou o sangue das mãos.

— Lembras-te do que eu te disse no outro dia? — perguntou a Arvin.

— Sobre os rapazes no autocarro?

— Era disto que eu estava a falar — disse Willard, apontando com a cabeça para o caçador. Atirou o trapo pela janela. — Só tens de escolher o momento certo.

— Está bem, pai — respondeu Arvin.

— Há por aí muitos sacanas que não prestam para nada.

— Mais de cem?

Willard soltou uma pequena gargalhada e engatou a carrinha.

— Pelos menos... — Começou a tirar o pé da embraiagem. — Acho que é melhor isto ficar entre nós, *okay*? Não vale a pena enervar a tua mãe.

— Pois não.

— Ótimo — disse Willard. — Então, e se agora eu te fosse comprar uma tablete de chocolate?

Durante muito tempo, Arvin pensava de vez em quando que aquele fora o melhor dia que alguma vez passara com o pai. Depois do jantar, tornou a seguir Willard até ao tronco das orações. A Lua estava a aparecer no céu quando lá chegaram, fazendo lembrar um osso velho e carcomido, tendo por companhia uma única estrela tremeluzente. Ajoelharam-se, e Arvin olhou de relance para os nós dos dedos esfolados do pai. Quando a mãe lhe falara disso, ele tinha dito que se havia magoado a mudar um pneu furado. Arvin nunca ouvira o pai mentir, mas teve a certeza de que Deus o perdoaria. Naquela noite, na floresta silenciosa e cada vez mais escura, os sons

que subiam pela colina vindos do vale eram particularmente nítidos. Lá em baixo, no Bull Pen, as ferraduras a baterem nas estacas de ferro pareciam quase sinos a tocar, e a vozeria e as risadas dos bêbedos faziam Arvin lembrar-se do corpo ensanguentado do caçador caído na lama. O seu pai tinha dado uma lição àquele homem que ele jamais esqueceria e, da próxima vez que alguém se metesse com ele, Arvin iria fazer o mesmo. Fechou os olhos e começou a rezar.